

# Iara, história e cotidiano

## Iara

PATARRA, Judith Lieblich

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992,  
520 p.

"Foi uma geração que viveu os êxtases e desgraças das revoluções. Madrugadas luminosas e sombrios tempos sem perdão"<sup>1</sup>.

Iara, filha de David e Eva Isvelberg, um casal judeu de classe média, nasceu a 7 de maio de 1944, no bairro Ipiranga, em São Paulo. Suicidou-se a 20 de agosto de 1971, em Salvador, Bahia. O *aparelho* em que vivia – um apartamento no bairro Pituba – estava cercado. Iara preferiu disparar um tiro em seu coração a ser presa pela polícia política.

Vinte e um anos depois, sua história acaba de ser minuciosamente reconstituída nas mais de quinhentas páginas da reportagem biográfica, subtítulo de *Iara*, da jornalista Judith Lieblich Patarra (editora Rosa dos Tempos).

"Durante muito tempo as mulheres foram deixadas à sombra da História", escrevem Michelle Perrot e Georges Duby na apresentação de sua *História das Mulheres*<sup>2</sup>. Os autores recusam, no entanto, a idéia de que as mulheres sejam, enquanto tais, um objeto de história, explicando que "é seu lugar, sua 'condição', seus papéis e seus poderes, suas formas de ação, seus silêncios e sua palavra, que nós pensamos perquirir, a diversidade de suas representações – Deusa, Madona, feiticeira... – que queremos apreender na sua permanência e em suas mutações"<sup>3</sup>.

Não sendo historiadora de profissão, Judith Patarra conseguiu em grande medida alcançar esse objetivo através de um paciente e criterioso trabalho de pesquisa que restitui não só a trajetória de sua personagem como o tempo e as circunstâncias em que viveu.

A biografia, que parece experimentar um

processo de renovação a partir de novos aportes da historiografia e da antropologia, é pouco desenvolvida no Brasil. As exceções, como o excelente estudo sobre Stefan Zweig, publicado há alguns anos pelo também jornalista Alberto Dines<sup>4</sup>, que prefacia o livro de Patarra, apenas confirmam a regra. Considerada por muitos como gênero menor, a biografia sofreu o 'desprestígio' de ver-se confundida com a literatura de ficção. Esta contaminação acabou por confiná-la à categoria de entretenimento. Biografias passaram a ser livros reservados para os períodos de férias, junto com romances policiais e de ficção científica, todos destinados a arejar a cabeça...

A crítica (e a crise) da História *événementielle* ajudavam a banir o indivíduo das preocupações historiográficas, substituindo-o pelo interesse pelas estruturas, pelas classes, pelos grandes ciclos históricos, sem cuja compreensão se dizia ser impossível qualquer análise consistente.

Monumentos biográficos – como o Trotsky e o Stalin, de Isaac Deutscher – figuraram durante muito tempo, junto com poucas outras obras, como referências isoladas, incapazes de desencadear uma reorientação mais consistente dos estudos históricos em direção à análise das trajetórias de vida.

Alguns dirão que a reemergência do gênero biográfico está ligada ao aguçamento do fenômeno do *voyeurisme* e aos sentimentos narcísicos que marcam estes tempos de pós-modernidade. Mas a historiografia estruturalista, de inspiração marxista ou não, resulta também da emergência de uma nova historiografia, centrada mais nos sujeitos, atores e personagens e em suas experiências do que nas estruturas que supostamente os condicionaram<sup>5</sup>.

Finalmente, o gênero biográfico se beneficia (ao mesmo tempo que esclarece) das novas relações que a historiografia estabelece entre o público e o privado.

"No limiar do privado, o historiador – tal qual um burguês vitoriano – por muito tempo hesitou,

1. SOUZA LOBO, Elisabeth, *Emma Goldman. A vida como revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 85.  
2. DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *Histoire des Femmes en Occident*, vol. 4 (Le XIXème siècle), Paris: Plon, 1991, p. 8.  
3. Op. cit., p. 8-9.  
4. DINES, Alberto, *Morte no Paraíso – a tragédia de Stefan Zweig*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

5. THOMPSON, E.P., *A Miséria da Teoria*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981. CASTORIADIS, Cornelius. Introdução: a questão da história do movimento operário. In *A experiência do Movimento Operário*, São Paulo: Brasiliense, 1985. SADER, Eder, *Quando novos personagens entram em cena*, São Paulo, Paz & Terra, 1988. (Entre muitas outras referências).

por pudor, incompetência ou respeito ao sistema de valores que fazia do homem público o herói e o ator da única história que valia a pena ser contada: a grande história dos Estados, das economias e das sociedades".

Para que o historiador superasse sua hesitação, foi necessário que o privado se transformasse em algo distinto "desta zona maldita, proibida e obscura: o amplo espaço de nossas delícias e de nossas servidões, de nossos conflitos e de nossos sonhos; o centro, talvez provisório mas finalmente reconhecido, de nossa vida"<sup>6</sup>.

Pode-se criticar o psicologismo inconsistente de algumas passagens do livro, como criticável é a falta de densidade literária em alguns momentos da narrativa, onde o estilo 'jornalístico' de Judith fica aquém das circunstâncias narradas. São detalhes, porém, que não comprometem a qualidade maior do livro de ter realizado uma excelente reconstituição da personagem e de seu tempo a partir de uma multiplicidade de fontes testemunhais, perfeitamente articuladas com as fontes documentais e com a restituição contextual do período.

Judith Patarra consegue igualmente realizar o difícil trabalho de mergulhar no passado, fazendo com que um necessário olhar do presente não desfigure o vivido, transformando-o em mera ficção, como tem ocorrido por vezes na historiografia brasileira. Um exemplo deste acerto é o tratamento da condição feminina de Iara. A autora não sucumbe à tentação de transformá-la em uma feminista *avant la lettre*. Menos ainda em uma pós-feminista, defensora da feminilidade.

Sua narrativa constitui-se, porém, em um impressionante mergulho na condição feminina, desde o cenário familiar até as sucessivas experiências de militância, na POLOP, na VPR e na VAR e, finalmente, no antigo MR-8, passando por suas múltiplas aventuras amorosas e pela vivência intensa de suas amizades. Ironia cruel, o gesto final de Iara é noticiado como a morte da 'amante de Lamarca'. Mas o que poderia ser uma operação de confinamento da personagem na sombra da história acaba por transformar-se no seu contrário: na valorização deste espaço privado, até então nebuloso, e na necessidade imperiosa de iluminá-lo e escrutiná-lo para melhor compreen-

der a esfera pública, a qual se considerava território exclusivo da política<sup>8</sup>.

As histórias das esquerdas no Brasil e alhures quase sempre se resumiram à constituição articulada de seu discurso (programas, resoluções, debates) ou de sua ação (greves, mobilizações ou luta armada). Neste tipo, não raro valioso, de texto, perde-se com frequência uma dimensão essencial da história. Esta foi feita por homens e mulheres, de carne e osso, que se construíram dentro de contextos culturais, encarnaram valores éticos e morais, sofreram o peso de suas circunstâncias ao mesmo tempo em que tentavam modificá-las. Viveram e amaram e tudo isso deixou traços em sua ação, pois influenciou em seu modo de pensar e de ser.

Assim ocorreu com Iara Isvelberg. Sua trágica e precoce morte, aos 27 anos, pode ter exercido um efeito inibidor para a reconstituição de sua vida. Afinal, a morte costuma desencadear julgamentos simetricamente opostos de indulgência ou de severidade. Judith Patarra não parece ter sucumbido a estas tentações. A visível empatia com seu 'objeto' de estudo não turvou-lhe o olhar e a simpatia que pode aqui e ali parecer diluir-se no tratamento substantivo, onde objetividade não se confunde com frieza.

Escrevendo sobre Iara, a autora reestabeleceu o cotidiano das classes médias cultivadas paulistas que foram sacudidas pelas graves mudanças que afetaram o Brasil a partir de 1964 e que até hoje se fazem sentir. Mostrou-nos momentos luminosos e tempos sombrios. Enfatizou os exemplos de generosidade, despreendimento, minimizando o lado mesquinho e sórdido presente em todos os tempos sombrios, talvez para não adensar mais a pesada fatura que até hoje está-se pagando.

Ao falar de música, cinema, teatro, bares, moda, sexo, Judith Patarra falou também das grandes questões em jogo naquele momento pois "mais além do anedótico, a história da vida privada é também a história política do cotidiano"<sup>9</sup>.

MARCO AURÉLIO GARCIA ■

6. PERROT, Michelle. "Introduction", in ARIES, Philippe e DUBY, Georges. *Histoire de la Vie Privée*, vol. 4, Paris: Seuil, 1987, p. 9.

7. LACOUTURE, Jean. Biógrafo por profissão. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13.01.1985, Caderno de Cultura no. 239, p. 10. (Publicado originalmente em *Le Nouvel Observateur*).

8. "Na fronteira entre a prática da vida pública e o

território obscuro da vida privada, a presença das mulheres como sujeito/objeto destas abordagens parece natural e recebe um espaço próprio e adequado", SOUZA-LOBO, Elisabeth. "Emma Goldman – Revolução e Desencanto: do público ao privado", in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 9, nº 18, p. 29, ago/set, 1989.

9. PERROT, Michelle. Op. cit., p. 13.